

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA PERSPECTIVA DA DIVERSIDADE COMO POSSIBILIDADE EDUCATIVA PARA CRIANÇAS

Débora Simone De Carvalho Santos, Geysa Cachate Araújo De Mendonça, Hudday Mendes Da Silva e Ariza Maria Rocha

RESUMO: O objetivo deste trabalho é suscitar uma reflexão acerca da necessidade de desenvolver a práxis educativa na educação infantil, relacionando o tema diversidade em experiências lúdicas através de brinquedos e brincadeiras. Destacamos a importância da intencionalidade docente para dar segmento ao desenvolvimento da temática com as crianças. Compreende-se que a sólida formação teórica possibilitada pelo embasamento teórico específico durante a trajetória formativa docente, contribui para o desenvolvimento da práxis educativa. A cada dia percebemos mais a necessária abordagem em relação ao tema diversidade. Como trabalhá-lo na educação de crianças? Então, por meio da práxis educativa, com auxílio de recursos lúdicos, o debate sobre a diversidade poderá ser iniciado desde a tenra idade. Considerando que somos seres sociais e que convivemos numa sociedade permeada de marcadores sociais. Este trabalho justifica-se pela necessidade de que em cada sala de educação infantil emerge a necessidade temática do debate acerca da diversidade. A metodologia deste trabalho consiste na abordagem qualitativa de natureza bibliográfica. Elegemos como aporte teóricos considerados importantes para esta discussão. Consideramos que as ideias apresentadas no decorrer do texto permitem uma reflexão e a motivação para uma mudança de paradigma com vistas a uma concepção de educação que reconheça a diversidade e proporcione mediações para a formação de relações interpessoais e sociais.

Palavras-chave: Brinquedos, Brincadeiras, Diversidade

INTRODUÇÃO

Observa-se que, tanto no âmbito familiar, escolar, de lazer, de atendimento à saúde, de atividades culturais, de atividades de consumo e de um modo geral, as crianças agem, interagem e são educadas. O fato é que “uma ação infantil que expressa bem a forma como as crianças são educadas, ou seja, as diferenças que se estabelecem, em casa e na escola, no modo como são educadas, é o brincar” (ARAÚJO, ESMERALDO, 2012, P.84).

O brincar, por sua vez, nos possibilita observar diferentes linguagens infantis, expressas através de gestos e movimentos. Contudo, o processo educativo ao qual a criança está implicada favorece diretamente o desenvolvimento dessa expressividade. Uma das principais linguagens da criança se expressa através do brincar. Assim, a observação da brincadeira favorece a ampliação do olhar e da compreensão sobre a necessidade de práticas pedagógicas intencionalmente planejadas que possam garantir o desenvolvimento através do brincar, pois:

“As crianças são capazes de criar teorias, interpretações, perguntas, e são coprotagonistas na construção dos processos de conhecimento. Quando se propicia na educação infantil a aprendizagem de diferentes linguagens simbólicas, possibilita-se às crianças colocar em ação conjunta e multifacetada esquemas cognitivos, afetivos, sociais, estéticos e motores” (BARBOSA, 2008, p.28)

A brincadeira é para a criança como o oxigênio é para a respiração. Portanto, o espaço do brincar não se limita ao âmbito formal da instituição de Educação Infantil, devendo ser proporcionada e vivenciada nos diferentes espaços em que a criança acessa.

Dada à importância do brincar que promove experiências de aprendizagens com as crianças sobre diversos temas, busca-se dialogar sobre as possibilidades de desenvolver esta ação através de atividades lúdicas, mediadas por brinquedos e brincadeiras, na educação infantil, por considerar a infância, a etapa basilar do desenvolvimento humano e as instituições requererem um currículo atualizado. De modo que “assim, introduzir na escola de Educação Infantil um currículo apenas disciplinar, ou somente continuar mantendo-o, é seguir na contramão da construção do conhecimento científico que neste momento realiza uma relação sistêmica” (BARBOSA, 2008, p.24).

Como também, torna-se fundamental proporcionar aos docentes da educação infantil, o acesso ao repertório lúdico dos jogos, brinquedos e brincadeiras. O princípio da atuação educativa advém de “dentro do movimento: ação, reflexão e ação refletida é que a atividade docente é práxis. Apenas na articulação entre a teoria e a prática pedagógica é que isso acontece” (LIMA, 2001, p. 36).

Sendo assim, diante do aparato teórico atual ao qual os docentes podem ter acesso, busca-se estabelecer uma estreita relação entre a teoria e a realidade educacional na educação infantil, tendo em vista oferecer uma educação que privilegie o conhecimento do desenvolvimento infantil em seus variados aspectos, como também os objetivos e necessidades de acordo cada faixa etária infantil.

Para isso, faz-se necessária uma discussão acerca da intencionalidade docente, para dar segmento ao desenvolvimento de projetos lúdicos diversificados, que tenham em sua proposta, as interações e as brincadeiras como eixos norteadores das práticas pedagógicas como consta no Inciso I das Diretrizes Curriculares

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que:

I – promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; (BRASIL, 2013, p. 99)

Este trabalho justifica-se pela necessidade de reconhecer que cada agrupamento de crianças na educação infantil carece de ações afirmativas no sentido de favorecer o acesso aos brinquedos e as brincadeiras diversificadas. A presente pesquisa tem como objetivo suscitar uma reflexão acerca das possibilidades do brincar, do desenvolvimento da práxis educativa na educação infantil mediada por brinquedos e brincadeiras.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi utilizado o delineamento metodológico da pesquisa qualitativa. Consideramos que as ideias apresentadas no decorrer do texto permitem uma reflexão para a mudança de paradigma com vistas à uma concepção de educação que privilegie o desenvolvimento infantil de forma integral e mediada por práticas pedagógicas intencionais pautadas nas interações e brincadeiras.

Ademais, faz-se necessário no decorrer do estudo, explicitar um recorte das brincadeiras que possibilitam aproximações com a proposta lúdica de aprender brincando. Merece destaque, algumas brincadeiras apresentadas no livro de Friedmann (2012),

porquanto, ressaltamos que aos interessados em aprofundar a temática faz-se necessário conhecer a totalidade da obra e deleitar-se com as aprendizagens advindas da apreciação da obra.

Destaca-se ainda, a necessidade de apresentar o desenvolvimento profissional docente dos que atuam na educação infantil privilegiando sua autonomia e intencionalidade pedagógica no sentido de aplicar a práxis educativa. Sem dúvida, as contribuições de docentes experientes, com formação acadêmica e saberes didáticos podem fomentar significativas reflexões e possibilidades de desenvolvimento de uma proposta que genuinamente privilegie o desenvolvimento infantil e proporcione coerência com as orientações dos documentos oficiais no sentido de favorecer o brincar.

BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS QUE PRIVILEGIAM O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A partir de diferentes conceitos sobre o que significam os brinquedos, elegemos o conceito a seguir, por não reduzir o brinquedo a um mero objeto pois, “o brinquedo, longe de ser apenas um suporte material da brincadeira, é um artefato cultural, cujas propriedades físicas traduzem índices sociais de valor a serem manipulados pela criança” (GOMES, COSTA, 2017, p. 98).

Desse modo, como as brincadeiras requerem diversas estratégias de execução, os brinquedos, como artefatos culturais, podem estar presentes permeados de valores culturais e que não se esgota na primeira vista nem nas primeiras experiências brincantes. Seu potencial, atravessa gerações, limites geográficos e supera barreiras culturais quando utilizados pelas crianças, permitindo-lhes compreender a diversidade através da própria diversidade de artefatos culturais e suas origens (CRUZ, 2012).

Como mecanismo de aquisição de conhecimento, o cérebro da criança opera no sentido de compreender as demandas educativas através do processo de aprendizagem e aos estímulos a ela oferecidos. O imaginário infantil rememora as situações vivenciadas e/ou desejadas e as inclui no mundo do faz de conta através da imaginação na busca de compreender os sentidos e significados dos códigos sociais vivenciados e observados. Entendemos que: “[...] para Piaget, o brincar representa uma fase no desenvolvimento da

inteligência, marcada pelo domínio da assimilação sobre a acomodação, tendo como função consolidar a experiência passada” (KISHIMOTO, 2011, p. 71).

Como recurso de compreensão dessa realidade que a cerca, a criança utiliza-se da linguagem lúdica, inerente a sua fase de desenvolvimento e perfeitamente compatível com as funções executivas de seu cérebro. As crianças experimentam os brinquedos e as brincadeiras através de vivências sensoriais e da imaginação. Através da ótica infantil, uma caixa transforma-se em uma casinha, um esconderijo ou qualquer coisa que ela desejar. Nessa experiência, os objetos dos mais variados tipos possíveis ganham vida, assumem papéis, são empossados e atribuídos de valores simbólicos relacionados ao contexto cultural da criança, ao conhecimento que ela tem de si e do mundo que a cerca.

Entretanto, quando nos referimos ao brincar na instituição formal de educação, na qual as crianças passam jornadas parciais de quatro horas ou integrais de até oito horas diárias, inquieta-nos saber quais são os brinquedos e brincadeiras que elas têm acesso e como estão sendo utilizados. Pois, dada a sua importância na mediação da aprendizagem infantil através de seu caráter lúdico, estes artefatos favorecem o desenvolvimento infantil.

Neste cenário, a intencionalidade docente representa a condição objetiva para a práxis educativa pois favorece o planejamento de experiências de aprendizagem lúdicas que permitem a mediação das aprendizagens infantis.

Crianças aprendem brincando, contudo torna-se importante possibilitar a compreensão de algumas brincadeiras através do diálogo, através dos questionamentos advindos das crianças sobre as brincadeiras temáticas e as diversas possibilidades do brincar.

Então, a partir dessa compreensão, refletimos sobre o papel desempenhado pelo docente que atua na educação infantil, como agente intencional no que se refere ao planejamento e execução de brincadeiras que objetivam conscientizar as crianças sobre temas diversificados. Dentre eles, podemos destacar a inclusão das crianças com deficiência e a possibilidades de favorecer o acesso aos brinquedos e as brincadeiras. Neste sentido, destaca-se que:

Ao falarmos em inclusão, estamos nos referindo a possibilidade de dar espaço, oportunidades de participação e expressão para todas as crianças, tenham elas temperamentos diferentes, síndromes físicas ou psíquicas, nacionalidades e regiões variadas, sejam elas de diferentes origens étnicas, culturais, raciais,

adotadas ou não, moradoras de abrigo, cortiços, favelas, zonas rurais, ribeirinhas, indígenas, urbanas etc (FRIEDMANN, 2012, p. 25).

A visão de um adulto leigo ao ver uma criança brincando é diferente da visão do docente da educação infantil. Sabemos que a intencionalidade docente não limita os experimentos infantis em relação aos brinquedos e brincadeiras. Possibilitando a reinvenção, trocas e usos diversos. Podemos valorizar a ótica de uma criança ao perceber o mundo que a cerca. Contudo, a partir do olhar e intervenção mediados pela intencionalidade docente sob a perspectiva diversificada de brincadeiras e materiais, tem-se mais elementos para a compreensão da realidade. Assim, ressalta-se que:

As brincadeiras das crianças quilombolas, ribeirinhas, de comunidades indígenas, além de revelar culturas particulares, são permeadas de mitos, costumes ancestrais dos grupos nos quais nascem e se desenvolvem; revelam um diálogo permanente com a natureza, sua beleza, possibilidades e mistérios. Os 'brincades' dessas crianças 'nascem' das árvores, da terra, dos rios, dos mitos e costumes, por meio da imaginação, do corpo e dos ensinamentos dos pais e avós (FRIEDMANN, 2012, p. 26).

Compreender que os contextos de atuação docente são diversificados permite ao profissional conduzir seu trabalho respeitando a cultura das diversas crianças e seus jeitos de brincar, levando em consideração questões importantes como o combate ao racismo, sexismo, capacitismo e tantas outras formas de preconceito e discriminação, presentes nas brincadeiras e no fazer pedagógico. Pois “[...] a boneca é brinquedo para uma criança que brinca de ‘filhinha’, mas para certas tribos indígenas, conforme pesquisas etnográficas, é símbolo de divindade, objeto de adoração (KISHIMOTO, 2011, p.17). Assim como, para outras crianças a mesma boneca dependendo da cor da pele, do cabelo, da roupa, ou mesmo de quem brinca, pode gerar um enorme aprendizado no combate ao preconceito e conscientiza das diferenças.

Os comportamentos inatos do ser humano são: respirar, chorar, sugar, piscar. As demais ações são apreendidas no meio social. Na infância aprende-se a engatinhar, equilibrar, sentar, andar, brincar e dentro desse leque de possibilidade do desenvolvimento motor, aprende-se a correr, pular, mas, não se limita a isso. Na infância aprende-se a respeitar, abraçar, compreender, conviver, amar e é amando e respeitando que as aprendizagens precisam ser construídas.

Por assim dizer, mais uma vez, a intencionalidade docente poderá contribuir para a educação respeitosa e atual. No combate a intolerância, ao preconceito, ao racismo, as desigualdades sociais entre outros.

Não raro, ao visitarmos instituições de educação infantil, observamos brinquedos industrializados, marcados pelas características eurocêntricas que estão distantes das características da maioria dos brasileiros. Vale ressaltar que os brinquedos industrializados têm intencionalidade. São produzidos a partir de uma necessidade mercantil que atrai a clientela infantil induzindo a necessidade do consumismo.

Bonecas e bonecos negros, instrumentos musicais de percussão, artigos de adorno corporal utilizados nas culturas indígenas e afro-brasileiras entre outros elementos que representam nosso povo e nos dão legitimidade cultural, ainda não estão presentes na maioria dos espaços. Os brinquedos e brincadeiras têm as mais variadas origens. Dos brinquedos de origem africana, tanto os brinquedos cantados como os artefatos concretos são marcados pela história e cultura de um povo rico que historicamente contribuiu para a construção da nossa identidade.

Existe classificação de brinquedos e brincadeiras, nesse sentido, faz-se necessário conceituarmos e dar alguns exemplos ao leitor: brinquedos cantados, brinquedos recicláveis, brincadeiras de tradição oral, brincadeiras de faz de conta. Podem ser utilizados como recursos que potencializam a aprendizagem infantil.

A partir desse entendimento, pressupomos que a intencionalidade do professor torna-se um componente extremamente importante no sentido de favorecer práticas pedagógicas mediadas para a compreensão, respeito e valorização das diferentes culturas humanas.

A preocupação com a formação integral da criança está relacionada ao cumprimento de uma agenda que prevê o ser humano como sujeito indivisível. Havendo a necessidade de desenvolver de forma integral todos os aspectos (SEDUC, 2012).

As propostas pedagógicas sofreram atualizações, mas os currículos ocultos ainda deixam marcas de segregação em muitas salas de aula do nosso país. Entende-se que: “[...] o currículo oculto, ou as intencionalidades por trás das práticas, pode ser articulado à ideia de subjetivação em Foucault e os discursos escolares fornecem elementos para essa reflexão” (MOTTA, 2013, p. 139). Esta discussão por sua vez, envolve a necessidade de formação inicial e continuada para profissionais da educação.

Ao analisar o livro *O brincar na Educação Infantil: observação, adequação e inclusão*, da autora Adriana Friedmann (2012), uma obra que faz parte da coleção

Cotidiano Escolar – Ação Docente, distribuído através do Programa Nacional de Biblioteca Escolar – PNBE do Ministério da Educação para os Centros de Educação Infantil da rede municipal para dar subsídios teóricos na formação continuada dos professores. Este que faz parte da coleção enviada às instituições de educação infantil em pode se mostrar como um suporte na formação docente.

Observa-se que a autora apresenta uma classificação de brincadeiras que se subdivide em dois grupos: brincadeiras tradicionais e brincadeiras pós-modernas. Contudo, destacamos a possibilidade de levar para as crianças brincadeiras que estimule a interação. Isso é possível através concepção das brincadeiras pós-modernas, pois, coadunam com a possibilidade para alcançar o objetivo de desenvolver o tema da diversidade com crianças na educação infantil.

Segundo Friedmann (2012, p.70), “[...] nessa seleção, destacam-se a multiculturalidade e diversidades culturais, com exemplos de brincadeiras de crianças de zonas urbanas, rurais, ribeirinhas, indígenas e quilombolas”. Dentre as brincadeiras, elegemos algumas que consideramos incluir as crianças sem discriminação, descrita na tabela a seguir.

Tabela 1: Brincadeiras

Nome da brincadeira	Descrição	Exemplos por região do país	Recursos utilizados	Quantidade de participantes	Possibilidade de aprendizagem
De palmas	São geralmente acompanhadas de cantigas e versinhos	- Babalu (Uberlândia, MG) - Split (Daidema, SP) Triciclomelo (Bezerros, PE) Tim-tim Mauevi (Bacabal, MA)	Narrativas orais	Duas ou mais crianças ou com adultos	Ouvir e aprender narrativas regionais de diversas culturas.
De roda (cantadas)	Brincam tanto sentadas, quanto em pé, dançando, são sempre acompanhadas de músicas, cantigas, poesias. A roda convida sempre a entrar mais um, a partilhar.	Corre-cutia (Araguari, MG) Seus cabelos (campos Sales e Fortaleza, CE)	Músicas, versos, poesias	A partir de duas crianças.	Aprender a acolher, partilhar, perceber a variedade de músicas.

Fonte: organizada pelas autoras.

Refletimos a partir dessas brincadeiras que o ponto em comum é a presença da oralidade como recurso principal. Evidenciamos o contato físico de segurar as mãos, fazer movimentos corporais, olhar nos olhos e expressar as riquezas de sua cultura através de versos, músicas, danças. Nesse contexto, não existe a valorização de uma música em detrimento de outra, de um movimento corporal em detrimento de outro, de uma expressão pessoal em detrimento de outra. O que compreendemos é que quanto mais músicas, movimentos corporais, expressões pessoais são vivenciadas, melhor fica o brincar.

Essa modalidade de brincadeira, que tem como estratégia o brinquedo cantado, amplia as áreas de desenvolvimento infantil e permite discussões em sala sobre características, sentimentos, movimentos, escutas, partilhas, preferências, contribuições coletivas entre outros aspectos que se bem compreendidos pelo(a) professor(a) de educação infantil poderá favorecer o debate sobre a diversidade.

Podemos destacar a brincadeira intitulada de “Amarelinha Africana”, segundo a autora Friedmann (2012, p. 86) caracteriza-se como:

Duas crianças brincam a cada rodada [...], pulando em cada casa do diagrama da amarelinha numa sequência de direita e esquerda, frente e atrás. Esta brincadeira tem um potencial de desenvolver a área afetiva através do controle emocional – desenvolvimento da paciência e autocontrole. Como também da área inclusiva, pois há inúmeras variações que permitem crianças com diversidade de habilidades serem incluídas nessa brincadeira.

Esse tipo de prática pode contribuir para superar diversas barreiras impostas pelo não reconhecimento das diferenças, devido à ausência de práticas pedagógicas que coadunam com uma proposta formativa e não excludente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças estão aptas a brincar e a aprender em toda a sua infância. A partir desse entendimento, são necessários esforços no sentido de promover ações afirmativas acerca das vivências lúdicas das crianças.

Os esforços não devem partir apenas da instituição formal de educação, mas da casa ou do lar em que a criança vive. Nesse sentido, desafiamos pais, mães, docentes,

educadores e a sociedade de modo geral a compreender a urgência do respeito e valorização da criança no que tange a sua formação integral que é potencializada através do brincar.

Contudo, precisamos avançar consideravelmente para promover ambientes intencionais em que a criança brinque, construa sua identidade e compreenda a diversidade social na qual está inserida e transita.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iara Maria de; ESMERALDO, Joana D'arc. Educação de meninos e meninas: pensando conceitos, repensando práticas. IN Nunes, Cicera [ET AL.]. Dialogando com os saberes da docência: pesquisas, teorias e práticas/ Universidade Regional do Cariri. Prefácio Luis Távora Furtado Ribeiro. – Recife: Liceu, 2014. V. 2, 157p.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; Horn, Maria da Graça Souza. Projetos pedagógicos na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz de conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário IN KISHIMOTO, Tizuko M.(org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. – 14 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

CEARÁ. Secretaria de Educação. Orientações curriculares para a educação infantil. – Fortaleza: SEDUC, 2011.

CRUZ, Michelle Brugnera. Brincando com cadeirantes, idosos, negros e princesas: a diversidade por meio de brinquedos infantis. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 5 v. 5 n. 10, p. 92-105, jan-jun 2012 ISSN: 1982-4440

FRIEDMANN, Adriana. O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão. – 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012. – (Cotidiano escolar: ação docente)

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. Edição 6. São Paulo: atlas, 2008.

GOMES, M. R. V. C. S.; COSTA, M. F. V. As práticas lúdicas no processo de desenvolvimento e inserção cultural da criança. IN COSTA, M. F. V. (org) et al. Infância e relações etnoraciais em pesquisa. Expressão gráfica e Editora. Fortaleza: 2017.

KISHIMOTO, Tizuko M.(org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. – 14 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Conversando sobre a práxis docente. IN LIMA, Maria Socorro Lucena (org). A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) et al. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MOTTA, Flávia Miller Naethe. De crianças a alunos: a transição da educação infantil para o ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2013.

VANDENBROECK, Michel; ABRAMOWICZ, Anete. Educação Infantil e diferença. Papyrus Editora, 2014.